

Sob o Signo de Fausto: como vender a alma ao Diabo não chega

Argumento

O génio literário é pagão? Terá o que chamamos de génio de vender a alma ao Diabo para se perceber como é dotado, ou seja, apto a resolver os mais intrincados enigmas e segredos da existência humana? A Santidade não será uma forma de genialidade? Uma forma, mais de heroicidade, ante o acontecimento, à revelia da opinião do mundo?

Desenvolvimento

1.

Citemos, antes, uma noção adiantada por Marc Augé, *Le Génie du Paganisme*, ou seja, o génio do paganismo, não tanto nos termos da colocação em ação da figura do génio literário, esse individual, ou seja, tudo isto se liga à noção de mão invisível na economia e de Deus, na religião, ou seja, a ideia de que faça o que fizer, o homem tem sempre a ajuda de “Alguém” que, digamos, trabalha, concorre, para uma certa ordem do mundo.

2.

O génio destaca-se da opinião do mundo, da voragem discursiva do quotidiano, e isola-se porque sabe que qualquer coisa, qualquer comentário, lhe pode ser fatal, cortar a via respiratória da inspiração de um momento para o outro. Por outro lado, há o génio buliçoso,

intriguista, que apropria da voz do mundo para lhe dar um cunho pessoal, manipulando-a a seu bel prazer...

3.

O instinto leva-te a um determinado lugar, mas quando és dotado de capacidade reflexiva, podes ir a outro lugar, mais, podes estar num lugar estando realmente noutra. Eis o que nos distingue dos animais, eis o que distingue o homem vão normal de todos os dias, que apenas procura amalhar para comer, do artista, do grande artista que quer por aqui deixar a sua marca. O artista tem uma maneira fina e requintada de existir no mundo, enquanto o homem do senso-comum grita e vocifera não sabe bem porquê, porque, antes de mais não tem consciência própria, reflexiva, sobre os seus atos, age instintivamente, como o animal. E eis que o génio é um inadaptado, e descobre mais além, por amor da sua obra, que não vale a pena ser tanto assim, exigir de si mesmo muita coisa, muita ideia, por isso se modera, o que lhe custa bastante, pois está habituado a frequentar os limites psicológicos da inspiração.

4.

A voz interior, feita de muitas vozes, substitui a voz exterior até à sufocação quando ele desliga a TV ou simplesmente lhe tira o som, porque está intoxicado das vozes do mundo, da histriónica fartura de factos sociais, quando ele quer outros, que o projectem além de si mesmo e que ele, no ar, possa agarrar, como se fosse uma experiência religiosa. Mas mesmo essa é tributária da imanência, da contingência...

5.

Depois, percebes que são ínfimas as pessoas que chegaram ao 12º ano, terceiro ciclo, entre as pessoas com quem vives, em termos de proximidade física. Isso explica porque não encontrar filosofia ou antropologia nos seus currícula e daí a falta de atenção com que te têm no dia a dia. É lógico e fácil perceber isto. A maior parte delas entrou numa secundária e desistiu pouco meses depois, não passaram pelo oitavo ano, onde tudo é mais difícil...

6.

Assim, muitos são os que admiraram a antropologia e a filosofia, a sociologia, mas por outro lado não se apercebem do caminho social que o cientista social e o filósofo têm de empreender para chegar a certas conclusões, a certos princípios? Deverá entregar-se a Deus? Vender a alma ao Diabo?

7.

Há um divórcio entre a filosofia e a sociedade, entre a realidade e a religião, ambas são na maior parte dos casos motivo de troça, uma “fraqueza recorrente”, que se despreza mas às quais se volta quando tudo o resto falha.

8.

A isto perpassa a solidão e daí não se pode tirar grande coisa, o génio como que deixou-se apagar, a lâmpada da inspiração acabou por deixar de iluminar os seus dias inspiradores, a sua fraseologia, o seu pensamento. Aquilo que outrora era brilhante e quase ofuscante, o seu génio, acabou

por perder o brilho, fenecer. Então, ele anda em volta, procurando reatar a chama, e viver dela, dessa inspiração que torna a vida interessante.

9.

O espectador de TV não se apercebe, deixa andar, nem se dá conta de como os mais diversos canais acabam por gozar com a sua pessoa. Aquele que leva a vida a sério é tido como tolo, maluco, desintegrado. Só porque não faz parte da rebanhada geral, só porque pensa por si próprio. Mas não é esse quem um dia vencerá? Não sei bem como nem o quê, mas vencerá.

10.

Portanto, aquilo que chamamos de génio tem em si uma certa dose de loucura, ou seja, desajustamento social, transcendência, sendo que esta, a maior parte das vezes, é integradora. De certa forma, o génio, seja da literatura seja das ciências exatas, acaba por não fazer parte da sociedade, do senso-comum popular da populaça. Só que nem um nem outro duram muito tempo, seja, uma vida, porque o sentido de extasiamento do génio em produção é, de certa maneira, equivalente ao extasiamento de pertencer a uma certa ordem social, ter carro, filhos, um bom emprego, perspectivas e qualidade de vida.

11.

Então, ensaiando uma caracterização etiológica do génio, podemos dizer que ele é sempre um desintegrado, a maior parte das vezes um excluído, a não ser que seja contratado para um show televisivo onde a ciência serve de pretexto para rir, de “moquerie”, ele é, para usar a imagem de Eco, um “apocalíptico integrado”. Portanto, o olho social está nele, tudo o que faz é tentar viver uma vida normal, quando a normalidade já nem sequer existe, a sociedade, mesmo na perspectiva

integradora, é uma cacofonia da selva urbana, ou seja, enquanto uns calam a voz em nome de uma certa concepção de sociedade, de sociedade, outros fazem tudo o que lhe apetece, ou seja, desrespeitando regras básicas da convivência em grupos.

12.

Depois, o silêncio dos cientistas sociais, porque se ouve mais a Deus do que a um homem esclarecido, porque certas pessoas não acreditam que o mundo pode ficar melhor e, de certa maneira, isso está nas mãos dos cientistas sociais, entre outros. Por isso eles não aparecem na TV, pelo menos nos últimos tempos, na nacional e raramente aparecem, mesmo em tempos de conflito. A que se deve esse apagamento, essa ausência? Talvez porque a mensagem dos cientistas sociais, como a do filósofo, não é agradável, consentânea, exige esforço levá-la à prática e, antes de mais, como nos anos 40 americanos, o público quer distração, entretenimento, ilusão...

13.

Mas, por mais estranho que possa parecer, a criação exige um determinado ambiente, uma atmosfera, o homem enquanto criar, seja no atelier de um artista, seja nos *grafittis* de VHILS, em Lisboa, ou na Guerra da Ucrânia, precisa não tanto de uma atmosfera, digamos, romântica, mas mais de um certo número de variáveis que se vão concretizando na mente e, por isso, a criação é também, neste sentido, um facto social.

14.

Portanto, em certa medida, o criador, inventor, faz as vezes de Deus a propósito da Sua criação e descansa quando tem de descansar, mas enquanto alguns preferem politizar a sua criação, ou seja, inseri-la nos

termos da mudança e intercâmbio sociais, outro preocupam-se apenas em trabalhar, pintar, escrever, fazer cinema, porque o que lhe dá mais gozo não é a consequência desse facto social, mas o seu processo. O autor é, por isso, um médium de forças naturais e ao mesmo tempo sobrenaturais, o seu corpo, a sua mente, são instrumento de uma determinada missão, pagã, no caso da escrita, sacral, no acaso da arte sacra.

15.

Portanto, a questão inicial permanece em aberto: é a criação artística do domínio do profano, do pagão? Ou é como que o resultado do Sopro de Yavé? Digamos que, a nosso ver, o autor, dependendo do teor da peça, é como o *Cândido* de Voltaire, o *Mustang*, que vai apanhando porrada de um lado e do outro e que sobrevive até ao fim tendo como testemunho do seu caminho a sua obra. Porque a vida social é cheia de humores variados, reentrâncias sociais, não é somente tragédia nem somente euforia. E, como é, então? O autor precisa de provar alguma coisa? Não pode apenas rebater os autores que o precederam e está feito? Um artigo científico é, de alguma forma, uma obra de arte? O que é que, em verdade, caracteriza a arte? O que é que ela tem que os outros registos da realidade não têm? Antes de mais, ela procura elevar-se acima do senso-comum, do popular, mas muitos escritos reflectem isso mesmo, o conhecimento do senso-comum levado à exaustão. Por outra via, o artista ou autor procura dar uma visão sintética de uma cosmologia pessoal ou social, isso é certo. Se encontra eco no momento ou apenas no passar do tempo, isso já é outra questão...

16.

Que voz é essa a do autor, a quem não é feita justiça em vida, ou seja, os intercambiáveis caminhos da sal mente e da relação com o social, não contemplar ser admirado enquanto produz, porque, antes do mais, a

criação advém da falta de amor, do sofrimento e da angústia, parte de um ponto que não se compreende, não compreende o comum dos mortais e chega a um ponto de existência e exuberância que a permiti destacar da grande parte dos objectos de uso, eis o livro, o quadro, a peça de multimédia...

17.

Quando atinge a dimensão da sua sociedade, ou seja, o espectro linguístico e semiológico da sua língua, ele acaba por desistir, por dar por finda a sua obra e procura novas linguagens que não saturem a sua mente. Eis, portanto, o caminho de itinerância do artista, enquanto tipo-ideal, ou seja, enquanto criador.

18.

Depois, a qualidade de vida. Nem todo o artista produz na abundância, eis a nossa tese, ele produz em necessidade e não é para se fazer de vítima, é porque quer, de algum modo, sair dessa situação, seja psíquica seja material. Obviamente, muitos deixariam de criar quando tivessem uma vida familiar estável, sem discussões nem quezílias, eivada de boa comida e amigos, bom vinho para rir e um pouco de cannabis. A questão põe-se também nos termos que a pôr Bergson, a propósito do *Riso*: a criação, também a humorística, é um deslocamento da realidade, a realidade social de todos os dias, psicanalítica, junguiana, por pouco ou mais tempo e é essa deslocação que puxa a sociedade, digamos, para a frente e para cima, dependendo ou não da elevação da coisa...

19.

Se vais na rua e pregas o sentido da vida, alguns poder-se-ão rir, por isso o artista quer de alguma forma, vingar os seus antepassados e descendentes fazendo uma obra sobre a qual será lembrado o seu génio e, logo, ele mesmo enquanto pessoa sagaz, inteligente, na captação do mundo exterior e na descoberta de si-mesmo. Esta questão do riso tem muito que se lhe diga e explorá-la-emos noutro instante, num outro dos nossos ensaios. Portanto, voltando ao tema que aqui nos traz, o autor procura a imortalidade através da obra de arte Grieg, *What Price Immortality?*), enquanto outro preferem ser esquecidos no Convento enquanto nunca são verdadeiramente esquecidos de Deus... Ser esquecido, ser lembrado, eis o dilema da sociedade actual, pós-moderna, pós-filosófica, entre a antropocena e as alterações climáticas. Sim, o autor escreve para ser lembrado, para ser importante para alguém, por referência a alguma coisa, alguma ideia, conceito ou uma simples maçã podre...

20.

Mas, a criação de arte, seja ela escrita ou escultórica, obedece a alguma metodologia? É certo que o artista tem uma rotina, que na maior parte das vezes, parece querer influir ou defluir o fluxo criativo do autor. Não há verdadeiramente uma metodologia, senão estar ligado ao mundo, não desligar a ficha, não deixar cair a ficha, ou seja, ser resistente o suficiente ao ponto de fazer o que o comando ou o fuzileiro não fazem, uma **deviance** à autoridade e um certo desrespeito pelas regras no âmbito de uma visão brejeira da vida e da existência.

21.

Portanto, a própria obra de arte, parece viver dessa transgressão primordial face ao que é radical e sagrado, como se o gênio do artista fosse qualquer coisa de revolucionário e subversivo, aí se explicando a sua vida errante, de contato com a bebida, as drogas, como se o *homo officialis*, ou seja, o homem perfeito, perfeitamente social, fosse qualquer coisa difícil de conseguir, ainda assim todos querem ser bem parecidos e bem posicionados na escala social, com mais ou menos tensão, mais ou menos nervosismo.

22.

Portanto, o artista difere do autor ou é também um autor? Se tantos escritor analisam a sua obra, porque não analisar os seus dejectos enquanto matéria criativa, ou seja, o célebre caso da “Merda di artista”, de Piero Manzoni?, ou seja, porque não olhar para o seu lado humano, visceral, já que ele é tão célebre porque não seria célebre também a sua merda? Ao mesmo tempo, esta sua intervenção é vista como arte conceptual, na verdade faz lembrar que o estômago também pensa e o quão difícil é produzir uma obra de arte de estômago vazio... Portanto, o que se esconde, revela-se de outra forma, numa outra instância da vida social e dos media, sob roupagens distintas que poderão satisfazer o âmagos de realização do artista.

23.

De resto, a obra de arte, o texto literário, imitam o amor e cada vez mais a relação sexual, o coito, seja ele reprodutivo ou recreativo. Essa é a fuga para o corpo que o homem enceta, a fuga para si mesmo e para o corpo do outro que inflecte e repete constantemente, num *ritornello* externo, perpétuo que pretende fazer com que essa reiteração reafirme constantemente a vida do sujeito, como nas tatuagens...

24.

Como o filósofo, enquanto uns admiram o autor, mais, o escritor, no seu papel social, outros odeiam-no porque ele pôs o dedo na ferida e arriscou a sua reputação, pôr a carne no assador, arriscou o seu prestígio social que podia ter enquanto assumisse outra profissão. Portanto, a sua vida, como a do antropólogo, faz parte da vida social, do boato, das flexões do idioma da inveja, porque toda a gente quer, afinal melhorar, só que nem todos têm o mesmo jeito para a verdadeira crítica. E que crítica é essa? A de arte? A de literatura? A de ciência não pode ser, pois um texto científico não é arte. Mas tem uma certa arte. A crítica faz parte, mas nem todo o artista gosta dela, seja porque tem consciência do que fez, da sua representatividade no campo da arte, seja porque não a tenha, portanto a ideia de aceitar a crítica para melhorar a sua arte é válida? Faz sentido no mundo actual? Porque a crítica não cessa de aparecer, quando o sujeito procura também aparecer enquanto sujeito de arte...

25.

Por outro lado, onde está a fronteira entre arte, ciência e técnica? A arte não exige uma técnica, não é uma técnica? Por isso, vivemos não na época dos robôs, porque eles já não são novidade, nem dos memes, porque outras coisas virão, outras formas de encher de sentido conteúdos virtuais, mas vivemos na era da técnica, o tamanho importa mas a técnica importa mais, importa que quanto menos, maior, mais significativo, mais impactante, mais tecnológico...

26.

A técnica, pois, então, no futebol, na culinária, que advém da mecânica, das obras de construção, públicas ou privadas, do assentamento do tijolo e do enchimento da placa. O homem é o presente e muitas vezes o jornalismo não percebe, não sabe captar a essência do

homem, do actor social, do sujeito condicionado a condições várias, porque o homem é momento, para muitos, enquanto que para outros é história, interessante história, e para outros mais é essência, contemplação.

27.

Na verdade, o que faz o artista enquanto cria? Sim, o que há num homem, um calceteiro, que bate a pedra? Não haverá algo de poético em tudo isso? Não é o tempo o motor de toda esta poesia do mundo que se nos escapa se não a procurarmos? Por vez ele escapa-se-nos mesmo que a procuremos, e aí já temos poesia em nós, já somos poesia, através dos conflitos interpessoais que envolvem, na maior parte dos casos, a luta pelo status, a luta pela admiração das mulheres, quando alguns as tentam controlar só para dizerem que são casados, exogâmicos, homens empreendedores, quando nem sequer “merda de artista” fazem...

28.

Absorto na sua inspiração, tenso, quase a quebrar mental e fisicamente, o artista está a acabar o seu último quadro. Não pintará mais, vai dedicar-se à botânica e à etologia, mas por enquanto tem de se concentrar, acabar esta “Última Obra”, esse será o seu título, será essa a forma de prestar uma derradeira homenagem ao mundo que o viu passar, como se fosse o fantasma de Giordano Bruno...

29.

A ciência seria então, num mundo perfeito, meramente explicativa, demonstrativa, profilática? E a arte um devaneio, exalação dos momentos que merecem ser recordados, como na fotografia...

30.

A arte, câmara ou olho, é trabalho, como o trabalho filosófico, como as obras públicas, é desenvolvimento, crescimento, riqueza, até. Porém, no nosso país é motivo de troça, talvez porque seja demasiado patente e menos estratégica... Talvez porque, afinal, não haja bons artistas e a arte, mesmo a literária, se tenha banalizado a rodos e entrado na esfera do social, doméstico, virtual, onde é troçada e vilipendiada como nunca o foi...

Lisboa, Outubro de 2022

